

AMÉRICA LATINA “VERSUS” POLÍTICA E HISTÓRIA NO TEMPO PRESENTE

Roberto da Silva Rodrigues¹

Resumo: Na década de 1970 o Brasil vivia ainda sob uma ditadura civil-militar instaurada com o golpe de 1964 que depôs o legítimo presidente eleito democraticamente João Goulart. Nesse período proliferou certo tipo de fazer jornalístico que ficou conhecida como imprensa alternativa, ou pejorativamente chamada, imprensa “nanica”. A imprensa alternativa se diferenciava e se destacava dos jornais da grande mídia seja pelas características dos jornais que produzia, seja pela oposição e resistência à ditadura civil-militar. Era um modelo de imprensa alternativa a jornais como *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* e outros jornais do que se chamava a grande mídia. Desse modo, o presente trabalho propõe discutir o que foi a experiência e existência do jornal alternativo *Versus*, o mesmo se destacou entre a categoria dos alternativos por combinar elementos de ficção e realidade para a vivência das reportagens ao modelo do *new-journalism* norte-americano. Uma das propostas de *Versus* era retratar a realidade política e social de uma América-Latina marcada por regimes de exceção. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo resgatar as origens do jornal *Versus* e analisar as características de suas duas fases de existência.

Palavras-chave: Imprensa alternativa. Ditadura militar. História do Tempo Presente.

INTRODUÇÃO

A imprensa alternativa, ou os jornais “nânicos”, lançaram durante a década de 1970 um novo padrão para a prática e vivência da experiência jornalística. Com poucos recursos financeiros, muitos circulavam de mão em mão, este tipo de imprensa despontava desafiando as regras da censura do regime de exceção. Alguns alternativos eram ligados a organizações políticas de esquerda clandestinas, outros simplesmente representaram o descontentamento de jornalistas com o tipo de jornalismo exercido pela grande mídia e assim se lançaram na empreitada alternativa. O descontentamento para com a grande mídia se dava principalmente por dois motivos, o padrão complacente com a ditadura e a rigidez formal da grande mídia que não dava espaço para experimentações sobre novas práticas de se fazer jornalismo.

Desse modo, a década de 1970 se tornou um período fértil para a disseminação de um jornalismo rebelde. No plano político, o país atravessava as rédeas curtas de um regime autoritário que procurava sufocar idéias oposicionistas ou contestadoras. No plano cultural ainda se vivia o clima da contracultura da década de 1960 na qual a juventude buscava novas

¹ Mestrando em História Política pela Universidade Estadual de Maringá. betosocialibe@yahoo.com.br

idéias para se expressar e a luta por liberdades, marcada por novas experiências sobre como a realidade era concebida, alimentavam o desejo de contestação e de transformação da sociedade.

Estes seriam alguns dos ingredientes que viriam a compor parte da atmosfera de pensamento no contexto da imprensa alternativa. Não é sem razão que este ambiente viria a criar o clima propício para o exercício de um jornalismo inovador, seja pela característica do humor e da sátira, como em o *Pasquim*, seja pelos debates políticos filosóficos e clara oposição ao regime como em *Versus*. É neste contexto que situamos nossa fonte de pesquisa, o jornal alternativo *Versus*.

No meu projeto de pesquisa a proposta de estudo propunha analisar a cultura política de oposição e resistência à ditadura civil-militar nas páginas do periódico. Nossa hipótese é a de que nas páginas de *Versus* visualizamos além de um padrão alternativo sobre o fazer jornalístico, também debates sobre um projeto alternativo de sociedade. Sendo assim, esta pesquisa pretende contribuir com mais uma perspectiva historiográfica sobre o periódico e, conseqüentemente, sobre o período em questão e neste sentido é que antecipamos algumas informações sobre o jornal.

DUAS FASES DE UM JORNAL

Uma questão que pode ser levantada é se *Versus* seria uma revista ou um jornal. No livro de Bernardo Kucinski este pesquisador o qualifica como uma revista. Em nosso entendimento *Versus* era um jornal por algumas características que encontramos nele como tipo de papel, as reportagens divulgadas em suas páginas além é claro de o próprio *Versus* se definir como um jornal.

O jornal alternativo *Versus* foi lançado sem capital inicial, essa seria uma das características não apenas de *Versus*, mas também dos demais jornais alternativos. Os jornalistas que se lançavam na tarefa de produção desta categoria de periódicos o faziam muitas vezes sem os recursos financeiros que o projeto de criação de um jornal poderia exigir. Nessas condições o jornal começou a ser vendido de mão em mão, produzido inicialmente com o lançamento de promissórias, situação que perdurou por mais ou menos um ano.

Mas o fato de não possuir um capital inicial não foi motivo para impedir que os criadores de *Versus* empreendessem a tarefa de produzir o jornal e assim, sob a liderança do idealizador e jornalista gaúcho Marcos Faerman, *Versus* é lançado em outubro de 1975, em São Paulo. Segundo o pesquisador Bernardo Kucinski, o periódico seria “uma das mais radicais manifestações de comunicação alternativa, até ser apropriado pelo Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), clandestino, que o transformou em seu porta-voz e finalmente o extinguiu, em meados de 1979” (KUCINSKI, 2003, p. 247).

Portanto o jornal alternativo *Versus* foi um periódico paulista da imprensa alternativa que circulou de 1975 a 1979. Foi um periódico com publicação bimestral, impreso em papel offset, com as capas coloridas e as matérias e reportagens em preto e branco, distribuído pela editora Abril, no auge de sua produção contou com a tiragem de 30 mil exemplares. O Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (CDPH-UEL) possui em seu acervo vinte e duas edições do jornal de um total de trinta e três edições normais.

O acervo também conta com edições especiais do jornal em formato de quadrinhos (uma edição de um total de três) e publicações para campanha sindicais e intervenção em movimentos sociais. O CDPH também realizou o trabalho de digitalização do periódico fato que contribuiu para o acesso do jornal já que além das edições impressas também podemos contar com as versões digitalizadas.

A primeira publicação de *Versus* é de outubro de 1975 e apresenta como epíteto “um jornal de reportagens, idéias e cultura”. A capa da terceira edição de março de 1976 apresenta como epíteto “um jornal de aventuras, idéias, reportagens e cultura. Já a edição de maio de 1978 apresenta como epíteto “um jornal de política, cultura e ideias” este último vai prevalecer até a edição número 32, essa mudança indica uma alteração sobre a concepção do jornal e também sobre qual deveria ser sua missão.

A análise da fonte permite perceber que existiram duas fases do jornal *Versus*. Na primeira fase predominam debates sobre cultura, literaturas, artes e sobre a realidade da América Latina. Na segunda passa a ter maior importância debates sobre a realidade política brasileira, embora os temas da primeira fase ainda se fazem presentes, mas com menor proporção.

Objetivamente é possível perceber que a primeira fase do jornal cobre o período em que o periódico esteve sob a liderança de Marcos Faerman e vai de outubro de 1975, data da primeira edição, a fevereiro de 1978, data da edição de número 18, que apresenta o editorial um novo *Versus*. A segunda fase do periódico vai de agosto de 1978² a agosto de 1979, esse é o período em que o jornal passa a ser produzido sem a figura de seu idealizador Marcos Faerman.

Adotamos como critério para a divisão das duas fases do jornal a leitura de dois documentos: o editorial de fevereiro de 1978 e a carta de rompimento de Marcos Faerman de agosto de 1978, que abandona o jornal na edição de número 23. Na verdade a mudança de *Versus* pode ser percebida já antes de fevereiro de 1978. Se levarmos em conta que a segunda fase se caracteriza por um debate político propositivo sobre a realidade brasileira, esse fato já pode ser percebido na edição número 16 de novembro de 1977, que apresenta como manchete “Por uma nova oposição” e também pela edição número 17, de dezembro de 1977 que apresenta como manchete “O partido socialista está nascendo. Até o rompimento de Marcos Faerman em agosto de 1978, foram lançadas oito edições da fase do que poderíamos denominar de a mais política do jornal.

O editorial da edição de fevereiro de 1978 afirma que *Versus* mudou, nas palavras do jornal “Era preciso ganhar em clareza, aprofundar nossas análises, solidificar o pensamento de nossa redação, para, de uma forma mais correta, ao menos, sermos mais úteis aos nossos leitores [...]” (FILHO, 2007, p. 273). Estas mudanças são representativas do processo de politização e radicalização da redação de *Versus*.

Versus, que inicialmente estava completamente voltado para a cultura como forma de ação, assumiu o discurso político. E passou não só a discutir a conjuntura nacional, suas opções, como também a se identificar com as correntes que entendem que só há uma maneira de construir uma democracia para o nosso povo: pela construção de um Partido Socialista. (FILHO, 2007, p. 273)

Portanto podemos observar que existiram duas fases do jornal: a primeira que tinha como missão a cultura como forma de ação, e a segunda na qual o periódico assume o discurso política de defesa da criação de um Partido Socialista, na visão de seus produtores,

² Tomamos aqui como marco de referência a carta de rompimento de Marcos Faerman, embora a nova fase de *Versus* possa ser observada antes desse acontecimento.

como forma de construção da democracia. Segundo o editorial, o primeiro número do jornal “é uma metáfora a um clima em que a morte parecia sufocar a vida”. Fato que merece nota é o jornal é lançado no mesmo ano da morte do jornalista Vladimir Herzog. A palavra e a temática da morte possuem certo destaque na primeira fase do periódico.

O primeiro editorial do jornal tardou a sair, foi elaborada apenas um ano depois do lançamento de *Versus*. Nesse primeiro editorial de aniversário, de 6 de outubro de 1976, observamos que o jornal tinha como meta “fazer um jornalismo brasileiro assumindo a América Latina. Em que a busca de nossas raízes fosse um programa. No qual a História seria um tema tão importante quanto ‘as novidades’” (FILHO, 2007, p. 270). O latino americanismo é uma característica marcante do jornal, sobretudo, em sua primeira fase. Para os produtores do periódico isso faria parte da visão continentalista de *Versus*. Em seus editoriais se esmeram em afirmar que o periódico teria sido a primeira publicação brasileira que falou, por exemplo, de Tupac Amaru.

Esse editorial de aniversário é muito emblemático sobre a natureza peculiar com que os produtores enxergavam o periódico. Ao mesmo tempo podemos observar que os editores manifestam certo incômodo com o rótulo de *Versus* como uma ‘revista literária’, como teriam sido chamados algumas vezes, ou ainda como uma ‘revista cultural. De todo modo esta natureza peculiar do periódico fazia parte da busca que *Versus* empreendia para construir o seu próprio espaço. Nesse sentido o editorial comenta:

A aproximação com os mundos hispano-americanos ia abrindo, paralelamente, a trilha que nos conduzia à vida, à criação e aos dramas de nosso próprio povo. Tudo passava a se integrar num processo único de caminhos. Por um jornal profundamente brasileiro, latino-americano, popular nas pesquisas e nos anseios, apoiado numa consciência crítica e democrática (FILHO, 2007, p. 271).

Desse modo podemos observar no trecho acima que o editorial de aniversário enfatiza a questão da temática do mundo latino-americano como uma das metas do jornal no sentido de procura de caminhos para o exercício do jornalismo do que chamamos de maneira própria, essa maneira própria como entendemos se liga com o objetivo do periódico de reunir suas temáticas apoiado numa consciência crítica e democrática.

Dos pesquisadores que se propuseram a analisar o jornal *Versus* encontramos o importante trabalho de Jeferson Candido bacharel em Letras pela Universidade Federal de

Santa Catarina cuja pesquisa nos apresenta análises de dados sobre o jornal que podem ser verificados na sua dissertação de mestrado e boletim de pesquisas sobre o periódico. A partir da análise de um banco de dados dos 25 primeiros números do jornal *Cândido* nos mostra a presença de quem mais colaborou com o jornal, os autores mais citados, além de tratar da divisão dos textos quanto a sua tipologia e as principais palavras-chaves. (CANDIDO, p. 79).

Nesse sentido, Candido observa que a participação de Marcos Faerman fica evidente ao constatar o número de 30 contribuições de Faerman em artigos variados de apresentação de artistas estrangeiros e entrevistas. Outros autores que se destacam são Mouzar Benedito, que a partir da edição nº 11 assina a coluna intitulada ‘Dólar furado’, discorrendo sobre economia. Também Louis Rosemberg responsável por comentar cinema, a partir da edição nº 11 passa a ser responsável pela coluna ‘O circo cinematográfico’. Também registra a contribuição de Eduardo Galeano nas edições de número 10 e 17 que assina a coluna intitulada ‘Carta de Barcelona’, entre outros. (CANDIDO, p. 79).

Sobre os autores mais citados Jeferson Candido revela que Bertolt Brecht aparece em primeiro lugar, segundo Candido este autor serviria como ícone que representaria a proposta do jornal de utilizar a arte como arma política. Outros autores latino-americanos bastante citados são Gabriel Garcia Marques, Eduardo Galeano, Cortázar e Pablo Neruda, além de Chico Buarque. Ainda são registradas citações de Freud, Sartre, entre outros. (CANDIDO, p. 80).

Sobre o ‘tipo’ de textos publicados *Cândido* analisa que as reportagens vindas de vários colaboradores de países espalhados pelo continente detêm maior espaço no jornal. Também observa grande espaço para publicação de depoimentos de índios, negros, nordestinos, artistas e psicanalistas; além da presença de entrevistas, como a de Michel Foucault. O jornal também dedica espaço à publicação de contos de autores como Ignácio Loyola Brandão, Bertolt Brecht, Franz Kafka, além da presença de poesias de autores consagrados e outros menos conhecidos. (CANDIDO, p. 80)

Jeferson Candido também analisa as palavras-chave mais comuns. Quanto a este aspecto o pesquisador observa que:

‘Política’ é a palavra-chave com maior número de inserções no total, seguida de ‘ditadura’ e ‘literatura’. Isso no conjunto dos vinte e cinco números indexados. Uma oposição entre ‘política e literatura’, no entanto, pode ser vista de duas maneiras. Levando em consideração o que afirmamos anteriormente sobre a mudança no perfil do jornal, que passa a ser mais

político a partir das edições 14, 15, temos como prova o fato de até então, (número 01 a 14) a palavra-chave mais comum é ‘literatura’ (5,50% do total), logo seguida por ‘política’, (4,07 do total de palavras-chaves). A partir do número 15 (até o 24), a palavra-chave mais comum passa a ser ‘política’ (13,20% do total), seguida por ‘democracia’ (7,58%). ‘Literatura’ cai para o segundo lugar (2,39%). Esses dados não deixam dúvida quanto ao fato de o jornal se tornar definitivamente mais político. Sem dúvida, ‘Versus mudou’, como afirma Faerman no editorial do jornal nº 18. (CÂNDIDO, p. 81)

Portanto visualizamos a existência do que poderíamos denominar de duas fases distintas do jornal *Versus*, estas duas fases serão analisadas mais detalhadamente ainda neste capítulo, mas antes vejamos um pouco mais sobre as características do periódico. *Versus* que tinha como lema arte como arma, ou a cultura como forma de ação era por estes aspectos um objeto inovador dentro de seu meio. Para a constituição deste veículo de comunicação com sua natureza peculiar duas influências viriam a fazer parte da sua história: a revista argentina *Crisis* e o new-jornalismo norte-americano.

AS ORIGENS DE UM JORNALISMO INOVADOR

A revista *Crisis* foi uma revista política e cultural publicada em Buenos Aires entre maio de 1973 e agosto de 1976, seu diretor era o escritor uruguaio Eduardo Galeano. Uma das influências que *Versus* herdaria da revista *Crisis*³ seria as inovações estéticas e os debates políticos que envolviam imperialismo e descolonização, democracia e ditadura. Quanto ao new-jornalismo, *Versus* herdaria a influencia de uma nova proposta de jornalismo para a época, a saber, a utilização de recursos literários para o exercício do jornalismo se valendo da ficção para a construção de matérias e reportagens. Estes elementos viriam a compor as peculiaridades de *Versus*, nas palavras de Marcos Faerman:

Versus foi ao mesmo tempo uma alternativa de linguagem, de organização da produção jornalística e de proposta cultural. Em vez do discurso político de *Movimento*, que o precedeu em alguns meses, usava uma narrativa mítica, operando no plano ideológico através de metáforas culturais e históricas [...] Quase não produzia reportagem factual clássica; expressava-se por meio dos sentimentos, e não do convencimento lógico. Valorizava sobretudo a forma, numa ‘fusão de elementos usados livremente: jornalismo, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura poesia. (KUCINSKI, 2003, p. 249)

³ Cf. Sobre a relação de *Versus* e a revista *Crisis* ver Bucchioni, Xenia, Caminhos Cruzados: de *Crisis* (1973-1976) a *Versus* (1975-1979), a América Latina em questão. In: Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) v.5 nº1 jan/2016-jun2016.

E assim surge *Versus* composto por um pequeno grupo de jornalistas que fizeram parte do jornal *Ex*, entre os quais Marcos Faerman, Moacir Amâncio, Vitor Vieira, Omar de Barros Filho e Vilma Grycinski. A este núcleo inicial viria a somar “Caco Barcellos que, como Omar de Barros Filho, havia sido um dos fundadores da cooperativa de jornalistas de Porto Alegre, a Coojornal.” (KUCINSKI, 2003, p. 254).

O pesquisador Bernardo Kucinski qualifica o jornal *Versus* como síntese do jornalismo de resistência, no qual adotaria a cultura de resistência como manifesto estético, na mesma tradição do teatro de resistência e do cinema de resistência. (KUCINSKI, 2003, p. 250).

Por trás deste jornalismo inovador estava a mente inventiva de Marcos Faerman, idealizador e líder de *Versus* de seu surgimento até 1978. A respeito da liderança de Faerman, Bernardo Kucinski esclarece que para entender *Versus* seria preciso voltar aos anos de 1950 quando ainda no ginásio Faerman, “de 15 anos, vivia o ‘ambiente apaixonadamente cultural’ do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, onde escrevia, editava e distribuía jornais estudantis”. Recebendo em sua casa, do tio comunista, o jornal *Semanário*. Estas experiências viriam a influenciar Marcos Faerman com o ideário nacionalista e antiimperialista, no qual, impressionado pela revolução cubana viria a tornar-se um fidelista entrando para o Partido Comunista Brasileiro. (KUCINSKI, 2003, p. 250).

Segundo Kucinski, o batismo de fogo político de Marcos Faerman seria a campanha de legalidade quando no final de 1961 o governador Leonel Brizola “distribuiu armas à população e organizou uma rede nacional de radiodifusão para impedir um golpe militar contra a posse do vice-presidente João Goulart”. (KUCINSKI, 2003, p. 252). Segundo Kucinski, quando do golpe de 1964 Faerman era militante do PC e logo depois, no jornal *Zero Hora*, criou um *Caderno de Cultura*, junto com Luís Fernando Veríssimo, no que seria o embrião da idéia que depois geraria *Versus*, ‘um caderno de cultura rebelde e com grandes nomes, com textos roubados de revistas estrangeiras’. (KUCINSKI, 2003, p. 252).

Uma das características marcantes do jornal *Versus* foi a temática da América Latina. Quanto a este aspecto do periódico podemos observar que ele assinala a vocação do jornal quanto à sua origem constitutiva além de se constituir em um veículo de comunicação sensível às questões políticas do seu presente contexto. Nesse sentido a temática da América Latina se apresenta tanto como um dos elementos de identidade do periódico e também de sua

postura desafiadora e contestadora sobre as conturbadas experiências de regimes de exceção que vários países da América Latina atravessavam no período.

Conforme Bernardo Kucinski, quando Marcos Faerman trabalhava com o caderno cultura do jornal *Zero Hora* em Porto Alegre no ano de 1964 ali já estariam os elementos básicos do que seria o jornal *Versus*. Para este trabalho teria influência sobre Faerman a cultura de fronteira; ‘o contato com o Uruguai e a Argentina trouxe o sentimento de latinidade, da importância de uma cultura ignorada pelos grandes veículos’.⁴

Já menciona a influência que a revista *Crisis* teve para a criação de *Versus*, outra revista que também teve relevante contribuição para a idealização e criação do periódico seria a revista uruguaia *Marcha* da qual Marcos Faerman tornara-se leitor. Esta revista fundada por Juan Carlos Onetti em 1939.

Através do *Marcha*, Faerman descobre novos heróis, os mestres da narrativa latino-americana: Mário Benedetti, Juan Carlos Onetti, Gabriel Garcia Marquez, Neruda. E os heróis: índios, os povos latino-americanos, seus mártires e mitos – os Tupac-amaru, os Sandino, os Zapata. Em 1974, Eduardo Galeano lança *Crisis*, na Argentina. Tudo isso se compõe com os antigos manifestos nacionalistas, numa cosmovisão que tem a América Latina como centro e o imperialismo como força centrípeta, desagregadora. (KUCINSKI, 2003, p. 253)

Em alguns parágrafos anteriores dizemos que a revista *Crisis* foi uma das influências do jornal *Versus*, na verdade *Crisis* e *Versus* são influenciados pelo mesmo projeto que teve como modelo a revista *Marcha*, ou seja ‘tratava a vida do continente com delicadeza, brilho e sobretudo paixão; uma visão continental nunca antes conseguida [...]’.⁵

Desse modo os ingredientes para a criação e surgimento de *Versus* estavam colocados e eles se somariam para a criação do que nas palavras de Bernardo Kucinski seria uma estética de ruptura. Tais características teriam muito a haver com o clima de contracultura que os jovens vivenciavam a época.

De visual dramático, transmitindo ao mesmo tempo beleza e tensão, valendo-se de todos os recursos, do quadrinho à foto, *Versus* difere esteticamente de tudo o que já havia sido feito antes na imprensa alternativa. Com a capa em *couchê* e em cores, sempre forte e atraente, *Versus* era também um objeto artístico, uma iconografia da política e da história. Um de

⁴ RIVOEIRO, Luiz Henrique apud Bernardo Kucinski. Entrevista com Marcos Faerman, Manuscrito, arquivo BK, 1989.

⁵ *Idem, ibidem.*

seus principais artistas gráficos vivia assumidamente a cultura da droga, e valia-se das experiências com novos modos de percepção para a criação gráfica da revista. (KUCINSKI, 2003, p. 255).

Conforme Bernardo Kucinski, *Versus* visa o choque estético, buscando transmitir angústia, como se a angústia vivida pelas experiências de tortura dos regimes de exceção pudesse ser visualizada nas páginas do periódico. Esse era o clima de uma América Latina marcada por regimes de exceção e o jornal *Versus* seria, na visão de Marcos Faerman, um jornal continuador da tradição jornalística do *Marcha* uruguaio e da *Crisis* argentina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo o que observamos até aqui foi possível compreender que o jornal alternativo *Versus* se constituiu em seu período de existência em uma forma de jornalismo inovador, se diferenciou dos jornais da grande mídia e até mesmo dos demais jornais alternativos. *Versus* pode ser compreendido como um instrumento aberto no campo, não apenas do jornalismo, mas na experimentação de idéias, teorias, vivências coletivas e outras experiências que o mesmo permitia exercer. Sendo assim, as combinações de influências das revistas *Crises* da Argentina, da revista *Marcha* do Uruguai, do *new-journalism* norte-americano, aliados à mente inventiva do idealizador Marcos Faerman vieram a resultar nesta experiência única do jornalismo brasileiro que foi o periódico *Versus*.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Omar de. **Versus: Páginas da utopia**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

CÂNDIDO, Jeferson. **Dois lados da moeda?** *Versus*, um jornal alternativo, e *Cultura* uma revista do MEC (1976 – 1978). Florianópolis, SC: UFSC. Dissertação de mestrado. 2008.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.